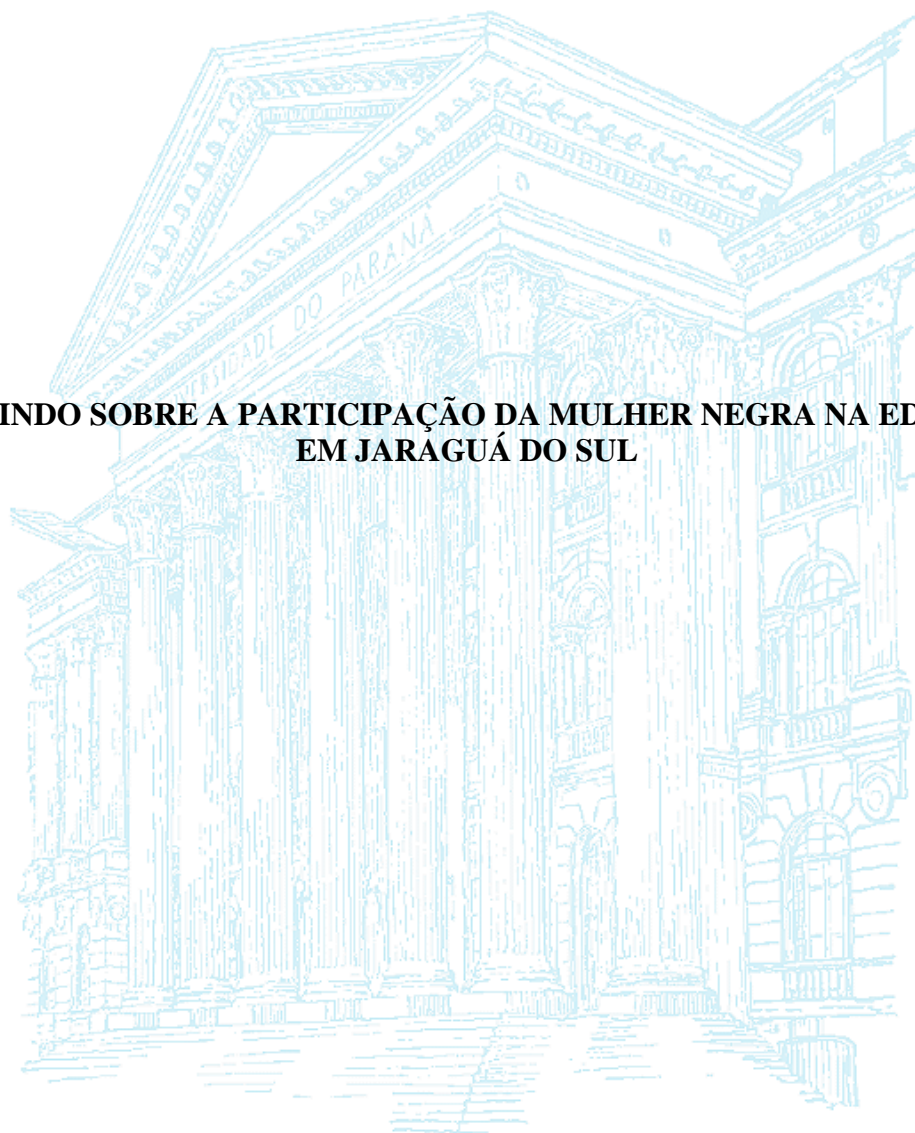


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JEFFERSON PEREIRA RODRIGUES

**REFLETINDO SOBRE A PARTICIPAÇÃO DA MULHER NEGRA NA EDUCAÇÃO
EM JARAGUÁ DO SUL**



BLUMENAU
2016

JEFFERSON PEREIRA RODRIGUES

**REFLETINDO SOBRE A PARTICIPAÇÃO DA MULHER NEGRA NA EDUCAÇÃO
EM JARAGUÁ DO SUL**

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientadora: Prof. Nadia T. Covolan

BLUMENAU
2016

RESUMO

O presente artigo objetivou investigar e discutir a relação entre gênero e raça na educação, especificamente na região de Jaraguá do Sul, estado de Santa Catarina. Para tanto, realizaram-se questionário, entrevistas individuais em profundidade, e também um grupo focal com cinco professoras negras, sendo três de escolas públicas e duas de escolas particulares. O questionário e as entrevistas focaram suas trajetórias escolares e profissionais. Os dados coletados e cotejados com a literatura pertinente apontam para a presença de atitudes racistas na escola e sociedade mas também para os enfrentamentos dessas situações. Afirma-se que mesmo diante das conquistas importantes de enfrentamento dos preconceitos de gênero e raça na sociedade, a invisibilidade do tema na escola colabora para a permanência de antigos desafios que vinculam essas categorias.

Palavras-chave: Educação; gênero, mulher negra

ABSTRACT:

This article aims to investigate and discuss the relationship between gender and race in education, specifically in Jaragua do Sul region, state of Santa Catarina. Therefore, there were questionnaire, individual interviews, and also a focus group with five African teachers, three public schools and two private schools. The questionnaire and interviews focused on their academic and professional careers. The data collected and compared with the literature point to the presence of racist attitudes in school and society but also for fighting these situations. It is said that even before the important achievements of addressing the gender and racial prejudice in society, the theme of invisibility in school contributes to the permanence of old challenges that link these categories.

Keywords: Education; gender, black woman

¹ Artigo produzido no âmbito do Programa de Especialização: Gênero e Diversidade na Escola da UFPR, Campus Litoral

² Jefferson Rodrigues, pós-graduando do curso “*latu sensu*” Gênero e Diversidade na Escola pela UFPR, Licenciado em Física e Ciências pelo IFSC; jeffersonrodrigues34@gmail.com

³ Dra. Interdisciplinar em Ciências Humanas pela UFSC, docente no UFPR Litoral; nadiathe@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este trabalho foi motivado por uma inquietação particular iniciada durante a trajetória escolar e profissional.

Nascido em São Mateus, Espírito Santo, onde 73% de população é composta por negros, devido ao Porto de São Mateus ser até a segunda metade do século XIX, uma das principais portas de entrada de escravos no Brasil, o que mais me intrigava durante a educação básica na década de noventa foi o fato de conhecer apenas duas professoras negras, uma de Geografia e outra de Matemática, esta última o inspirou a seguir o magistério.

Na cidade de Jaraguá do Sul, mesmo após terminar dois cursos técnicos, percebeu que não havia alunos e tampouco professoras ou professores negros.

Segundo o IBGE 2013, a cidade possui 123.671 habitantes sendo 86,4% Brancos, 2,2% Pretos e 10,9% Pardos. Mesmo sendo minoria, a população negra e parda é significativa. Durante a graduação em Física (2009 – 2014), percebeu que a maior evasão escolar até a quinta fase do curso, era dos colegas negros/as.

O curso de Licenciatura em Física, aberto na instituição Federal em 2009, havia até 2014 dezenove negros/as ingressos, sendo que somente o autor, até o momento, conseguiu concluir o curso.

Nessa trajetória, um questionamento surgiu: Quais os motivos da evasão escolar entre os negros /as? A primeira tentativa de pesquisar essa questão e responder a essa pergunta no TCC da graduação não foi adiante, devido à falta de orientador disponível e interessado no campo de estudo.

Durante o curso GDE (2014-2015), as leituras, debates e aprofundamento da questão da diversidade e gênero, pode-se perceber que, mais delicado que ser negro na sociedade e na escola, é ser mulher negra, porquê esta soma preconceitos fortes, de gênero e de raça/cor.

Na fala de Joan Scott, “Gênero é um elemento constitutivo das relações sociais, baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e mais, o gênero é uma forma primeira de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1994: 13).

Ressalta-se que Raça, conforme demonstram os estudos do genoma humano, é apenas uma, a raça humana (ALVES, C.*et all* 2005). As diferenças físicas/fenotípicas das populações não constituem raças diferentes, assim, utiliza-se o termo raça enquanto posicionamento político; raças não existem, porém, o racismo persiste em nossa sociedade com todas suas consequências e iniquidades e por isso necessita ser discutido, refletido e enfrentado.

A imagem da população negra, associada a estereótipos e preconceitos atinge especialmente a mulher. Desde o Brasil Colônia reforçam-se estereótipos relacionados ao erotismo, a luxúria e a depravação sexual (Freyre, 2003, p. 398). Essa imagem da mulher negra relacionada com a sensualidade continua sendo veiculada em meios midiáticos e publicitários. A violência racista, dita e/ou não dita, contrasta com o discurso presente na sociedade, sobre a convivência harmoniosa das ‘raças’ e dos povos. De acordo com Heilborn, Araújo e Barreto:

[...] as raças foram abolidas do discurso erudito e popular no período de 1930 a 1970, quando vigorou o discurso do mito da democracia racial no Brasil. Paradoxalmente, na prática, as queixas sobre discriminação associadas à cor, bem como à taxa de desigualdades aumentaram. (HEILBORN, ARAÚJO & BARRETO, 2006, p. 118)

Mesmo com a lei de 13 de maio de 1888 que decretava os direitos formais de cidadania aos ex-escravos e aos que nasceram livres, as teorias racistas continuam desvalorizando a cultura negra e impedindo essa população de ocupar espaços sociais e condições de respeito na sociedade. “Assim, no dia-a-dia, e não na legislação, a cor da pele ou o fenótipo pode impedir os afro-descendentes de alcançar ou permanecer na escola ou em trabalhos de maior prestígio social” (MÜLLER, 2010, p. 23).

Os preconceitos afetam diretamente a população negra, que tem os empregos de menor qualificação e remuneração. “A discriminação racial da população afrodescendente preserva para os brancos as profissões de maior prestígio social, com rendimentos mais elevados” (SANTOS, 2007). A situação das mulheres no mercado de trabalho apresenta uma significativa desigualdade de acesso e de renda, agravada para a mulher negra que acumula os preconceitos de gênero e raça. A parca representação da mulher negra no mercado de trabalho ocorre principalmente pelos aspectos históricos que conformaram a sociedade brasileira.

Uma educação voltada para a igualdade requer professores e professoras cientes de sua influência e de seu papel com as novas gerações. O foco na questão de gênero com suas dimensões de classe, raça/etnia, geração e outras, problematizam os estereótipos masculinos e femininos, as formas como as desigualdades são construídas e mantidas pela sociedade na e pela educação.

Nesse sentido, este estudo objetivou investigar a relação entre gênero, raça e educação na região de Jaraguá do Sul, Santa Catarina. Para tanto, realizaram-se entrevistas individuais em profundidade e também um grupo focal com três professoras negras de escolas públicas e

duas de escolas particulares. As perguntas norteadoras foram relacionadas às vivências dessas profissionais, sobre como perceberam sua trajetória escolar e profissional em uma cidade cuja maioria da população é branca e sobre o tema do racismo na educação e seu enfrentamento. A análise dos dados coletados cotejados com a literatura aponta para um panorama passível de ser problematizado, sobre gênero, raça e educação na região. Nesse trabalho, consideraram-se as normas Ética/Bioética, o Consentimento Informado e Esclarecido e o sigilo das fontes, que escolheram pseudônimos ligados a cultura afro descendente.

A seguir, discutem-se alguns achados nas entrevistas. A escolha da forma de apresentação teve motivação didática, para destacar as vozes individuais das entrevistadas e ao mesmo tempo permitir visualizar o entrelaçamento das vivências de gênero, raça e educação. No final, são tecidas algumas considerações, buscando, não resultados generalizantes, porém, uma melhor compreensão do tema para instigar outras, maiores e mais profundas pesquisas.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

No quadro A, apresenta-se um breve perfil das entrevistadas, e comenta-se abaixo aspectos observados e relacionados.

QUADRO A – Trajetória Escolar

Professoras Graduação	Idade	Data conclusão Ensino médio	Data ingresso ensino superior	Data conclusão ensino superior
<u>Dandara</u> Química	59	1970	1985	1990
<u>Palmares</u> Engenharia Química	48	1975	1981	1983
<u>Benguela</u> Ciências Biológicas	45	1982	1990	1994
<u>Aqaltune</u> Pedagogia	35	1996	2000	2006
<u>Mahin</u> Ciências Biológicas	26	2001	2009	2012

Observa-se um descompasso entre a conclusão do ensino primário e o ingresso no nível secundário, sugerindo dificuldades para prosseguir estudando. Nesse sentido, as entrevistadas relataram diversos obstáculos tanto de origem socioeconômica quanto racial, que surgiram ao longo das suas trajetórias em busca de formação.

Relatos apontam que no ambiente escolar persiste preconceitos raciais e também regionais, pois os/as colegas e a comunidade escolar tratam as professoras negras como ‘seres incapazes de atividade pensante’, ou seja, de formas mais sutis ou menos óbvias, indicam que o lugar delas não deveria ser no campo educacional e sim nos lares; se estão na escola, as pessoas acreditam que o devido lugar delas seria como funcionárias de limpeza ou cozinheiras da escola.

Nesse contexto, a cor da pele interfere no modo como são tratadas as professoras. Foram significativos os comentários sobre quando a comunidade educacional se depara com uma professora negra numa posição de destaque, o impacto tende a ser de rejeição. No entanto, como salienta Gomes (2004), as mulheres negras quando tornam - se professoras “saem dos seus lugares” predestinados pelo pensamento sexista e racista, e das condições socioeconômicas da maioria da população negra no Brasil, a saber, a casa dos patrões no cargo de domésticas. Ao ocupar outros cargos, tal como o de professora, ainda que seja questionado é possuidora de um *status* social diferenciado, pois tem o saber como elemento primordial. Nesse contexto, os relatos ouvidos foram muitas vezes semelhantes, na busca de realização profissional.

Uma das entrevistadas relatou que: “antes de ser professora eu atuava como empregada doméstica; quando fiquei sabendo do concurso público escolhi ser professora, mesmo ganhando menos na nova profissão (Benguela). O emprego doméstico permanece sendo no Brasil o maior empregador das mulheres, sendo não raro, negras. Assim, as vozes se somam nesse sentido.

Benguela referiu que:

“a maior dificuldade para concluir o ensino superior era eu ter que trabalhar como doméstica e ter que estudar em outra cidade; durante certo período tive que interromper o curso para cuidar da minha mãe que adoeceu e também da casa, pois eu era a filha mais velha e os irmãos mais velhos trabalhavam nas fazendas.”

Porém, a mesma ressalta que foram essas dificuldades que a fortaleceram e impulsionaram para concluir a graduação e sonhar com um futuro melhor para si e seus familiares.

A questão de gênero e renda aparece também com (Dandará) quando relatou que “ser professora era o único meio de uma mulher ganhar o mesmo que um homem exercendo a mesma função”.

O quadro B enfoca as motivações das entrevistadas para a escolha do magistério como profissão. Destacam-se palavras e termos-chaves das falas, sobre preconceitos na carreira acadêmica e profissional.

QUADRO B – CARREIRA PEDAGÓGICA

Professoras	Estimulou profissão	Como foi o processo formação de acadêmica	Sofreu preconceitos por ser mulher e negra
Dandara	Opcional	Foi difícil	Passei por rejeição por parte de alguns colegas
Palmares	Família	Foi fácil	Nunca passei
Benguela	Opcional	Difícil, o acesso pelo custo e distância e cuidar da família.	Sim no começo era difícil aceitarem um negro no mesmo espaço que eles.
Aqaltune	Opcional	Foi fácil	Nunca diretamente, mais já ouvi e escuto preconceitos em sala de aula indiretamente.
Mahin	Família	Difícil	Não preconceito racial, sim gênero.

Ao serem perguntadas por que escolheram o magistério, a grande maioria das entrevistadas apontou que a profissão seria a mais adequada por serem mulheres, pois estas ‘já tem uma herança maternal e foram preparadas para serem organizadoras dos seus lares’ (Dandara). Observa-se que essas respostas refletem que também elas permanecem naturalizando os papéis determinados de gênero na sociedade, que no limite é sexista e opressor.

No Brasil, o preconceito não é abertamente afirmado, o que dificulta a elaboração de leis que favoreçam sua reversão. A ideologia de que no Brasil as diferenças são aceitas e valorizadas, “um verdadeiro exemplo para as outras nações”, encobre o problema. Para

Ferreira (2002), em função disso, a população negra encontra-se submetida a um processo em que as condições de existência e o exercício de cidadania tornam-se muito mais precários com relação à população considerada branca.

QUADRO C: A PRÁXIS PEGAGÓGICA E PRECONCEITO RACIAL

Professoras	Você vê diferenças de gênero e raça entre estudantes?	Utiliza algum recurso didático para enfrentar o preconceito de gênero?	Como é discutir o tema gênero e/ou racismo na sala de aula?
Dandara	Não vejo diferença alguma entre um estudante negro ou branco.	Sim, converso com os alunos a respeito das diferenças raça e gênero.	É difícil, tanto em questão de igualdade de gênero é difícil falar de racismo.
Palmares	Sim vejo, porque os negros não se impõem.	Não uso nenhum tipo de recurso didático para enfrentar o preconceito.	Nunca toquei nessa pauta com meus alunos.
Benguela	De gênero sim, mais racial não.	Não sou de trabalhar especificamente a questão de raça	Não me imagino tocando nesta pauta. Deve ser difícil.
Aqaltune	Sim de raça e gênero, maior entre os próprios negros.	Recursos não mais têm conversa em geral quando escuto troca de ofensas.	Tranquilo, eles sempre ouvem e melhoram por alguns dias.
Mahin	Sim, principalmente gênero.	Não, somente conversa previa.	Difícil, principalmente com adolescentes mal informados.

Durante o grupo focal discutiu-se sobre preconceito na escola e os relatos convergiram para o momento da entrega dos boletins aos pais dos alunos/as. Nesse momento se mostrava propício para as professoras conversarem com pais sobre seus filhos, entretanto percebiam que a conversa era rápida, curta com as professoras negras, enquanto que com as colegas professoras brancas havia um diálogo maior com os pais com relação aos filhos.

Percebeu-se nesta pesquisa que o campo da educação básica permanece expressivamente feminina e branca na região de Jaraguá do Sul. Ainda, a maioria das professoras negras do ensino básico são da área da Exatas; segundo as entrevistadas, na área

das humanidades estão a maioria das professoras brancas. Nas discussões do grupo focal Dandara diz:

“eu escolhi a profissão de educadora, mas não era a minha intenção a área de Química, pois sempre gostei de trabalhar com os menores; mas esse era o único curso na região que era federal, e que eu tinha condições de cursar; os cursos da área da humanas eram caros e não me sentia bem na sala de aula, pois sempre eram moças bem vestidas”.

O mercado de trabalho e as oportunidades são mais difíceis para as mulheres em geral, porém, é pior para as negras, pois estas trazem as marcas do passado escravista na cor da pele. Nesse sentido, é de suma importância a maior qualificação profissional e escolaridade, algo que as mulheres em geral e as negras em particular, tiveram acesso há muito pouco tempo.

AS VOZES DAS ENTREVISTADAS: UM DESTAQUE NECESSÁRIO

Dandara:

Professora negra nascida em 1956, concluiu o ensino médio em 1972 em Jaraguá do Sul, Santa Catarina. Sempre frequentou a escola pública e também sempre trabalhou na rede pública com a disciplina de Biologia e Química para o ensino médio; vive e trabalha em Jaraguá do Sul há 28 anos. Relata que:

“sempre quis ser professora, ‘achava bonito, gostava de ler e ainda gosto’. O acesso ao ensino superior foi difícil, pois não tinha recursos para estudar, tentei bolsa de estudo, tentei e consegui fazer a faculdade e depois em seguida fiz a pós. Passei por diversos problemas, pois quando você é negro as portas não se abrem tão facilmente. Passei por rejeição por parte de alguns colegas no começo, mas superei, mas o que mais incomoda é o preconceito camuflado aquele que você sente, mas não pode provar. Mas amei cada momento que estive lá”.

A mesma entrevistada refere que não vê diferenças entre um estudante negro ou branco. Eles aprendem da mesma maneira, diz:

“a cor da pele não diz se você é inteligente ou não, às vezes o que percebo é que o negro é marginalizado mesmo não fazendo nada de errado. Converso com os alunos a respeito das diferenças, mas que mesmo com algumas diferenças físicas somos todos iguais. Abordo o assunto quando um aluno apronta pro outro, quando olha com diferença, aí é a hora de falar sobre o assunto. Da cor quando a conversa fica

pesada quando há xingamento como por exemplo ‘seu preto’, ‘tinha que ser preto’, chegou a hora de falar sobre o assunto”.

No ambiente de trabalho deparou-se com os mesmos problemas que enfrentara na faculdade, mas não com todos, e não todo o tempo:

“é um e outro que não nos aceita, acha que não somos dignos de estarmos onde estamos acham que estamos ali estudando por causa da cota do governo, coisa que eu sou contra não utilizei porque somos capazes de fazer o que quisermos sem este tipo de ajuda, enfrentei problemas com secretaria que me perseguia não porque não era competente, mas por ser negra gorda. Enfrentei problemas com alunos que não me aceitavam, mas que o diretor não achava que era racismo, mas quando me viam dando aula mudavam de opinião. Nos últimos anos a coisa continua, mas de modo camuflado só que hoje sei me defender. Podemos mudar essa sociedade preconceituosa com conversas, cursos para professores que depois são repassados para os alunos em sala”.

Como salienta Santos:

(...) os interesses cristalizados produziram convicções escravocratas arraigadas e mantêm estereótipos que ultrapassam os limites do simbólico e têm incidência sobre os demais aspectos das relações sociais. Por isso, talvez ironicamente, a ascensão, por menor que seja, dos negros na escala social sempre deu lugar a expressões veladas ou ostensivas de ressentimentos (paradoxalmente, contra as vítimas) (2002, p. 157).

Benguela

A entrevistada aponta a responsabilidade dos professores e cidadãos para fomentar uma cultura de paz, justiça e igualdade social:

“somos iguais em tudo não importa se somos negros, brancos, gordos ou esbeltos o que importa é que somos felizes, contribuo quando não me deixo abater por causa de uma piadinha por causa de um comentário, mas continuo mostrando que não importa se somos meninos ou meninas, não importa a cor da pele o que importa quem somos diante da sociedade, no nosso trabalho e onde estivermos.”

Palmares

Professora negra nascida em 1952 que concluiu o ensino médio em 1975, natural de Guaramirim, Santa Catarina. Sempre frequentou escola pública e trabalhou na rede particular do Ensino Médio com a disciplina de Química; vive e trabalha em Jaraguá do Sul há 18 anos. Fala sobre vocação e luta por objetivos:

“Sempre tive vocação para professora. Quando era criança já brincava de professora, fazia chamada e meu pai comprou um quadro, eu escrevia no quadro como uma professora. Na época de faculdade eu já trabalhava como professora particular dos meus vizinhos. Na verdade a minha formação é química industrial, não havia matérias pedagógicas em minha grade curricular”.

Conta que os pais a estimularam para ser professora comprando brinquedos relacionados à profissão. Em relação à práxis, diz que aprendeu pedagogia no dia a dia em sala de aula, com o auxílio das diretoras e coordenadoras e o treinamento na escola. Trabalha hoje em uma escola privada que fornece cursos de aperfeiçoamento para os professores que tem a formação tecnológica. Diz:

“O meu acesso a faculdade foi fácil, porque sempre estudei em escolas públicas de boa qualidade. Minha formação é em química industrial, pela Universidade Federal de Santa Maria uma faculdade de alta qualidade de ensino e gratuita. Com muita exigência dos professores, principalmente das matérias de química, não foi fácil terminar o curso, várias desistiram e não completaram o mesmo. Nunca tive problema de racismo, sempre fui bem respeitada por todos que fazem parte daquela instituição de ensino superior. E também nunca fui assediada por ninguém, e nem perseguição por ser negra eu tenho um carinho muito grande pela UFSM.”

Aqaltune

A entrevistada refere que o maior incentivador do racismo é o negro, que a seu ver não se impõe, e principalmente as meninas que se sentem inferiores por serem negras e não agem para melhorar a situação. Argumenta sobre a necessidade do enfrentamento dos preconceitos:

“Nós devemos ter a certeza que somos capazes de enfrentar toda as nossas dificuldades esse é o único meio e de termos ascensão, investindo na nossa educação e qualificação. O estudo abre os caminhos para a evolução de todas as pessoas independente da cor. Não uso nenhum tipo de recurso didático para enfrentar o preconceito. A minha ferramenta é o meu conhecimento da minha disciplina na qual eu ministro a matéria de química. E o respeito com os meus alunos.”

Mahin

Professora da rede particular de ensino há dois anos, nunca tocou na pauta racismo e gênero com seus alunos, mas diz que não teria nenhum problema em discutir essas questões. Refere sobre a necessidade da escola em se posicionar e agir, e sobre a interação das famílias nesse contexto:

“Pra combater esses preconceitos precisamos do apoio de todos, e a escola pode sim contribuir, mais primeiramente trazendo as famílias para mais próximo da escola e em especial a escolas públicas melhorando a qualidade de ensino ai sim todos iram ganhar alunos e professores.”

Para essa professora, importa estimular as pessoas para estudarem e se qualificarem, pois dessa forma podem progredir, ou seja, com educação qualificada, podem discernir melhor as opções uma vida melhor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Esta pesquisa procurou conhecer as trajetórias de vida de professoras que atuam Ensino Básico, no município Jaraguá do Sul, Santa Catarina, a fim de compreender a possível influência da cor/raça nas trajetórias dessas docentes. Através dos relatos foi possível notar que, apesar da maioria das professoras negras terem sofrido preconceitos raciais e de gênero na sua caminhada profissional, a profissão de professora continua sendo seu principal objetivo e motivo de orgulho. As entrevistas revelaram que elas têm prazer no exercício de sua profissão, afeto e carinho na aproximação com cada um dos seus alunos e alunas. Percebeu-se nas entrevistas que a ideia de realização pessoal via magistério para essas professoras é considerada mais importante que a material. Lecionar não era a opção mais vantajosa financeiramente, mas foi escolhida por representar algo valorizado e que as motivaram desde a infância. Não obstante, as entrevistadas consideraram está uma profissão adequada ‘naturalmente’ ao feminino, revelando que as determinações de gênero são ainda bastante fortes na população investigada.

Importante destacar que a maioria das professoras negras inseridas na educação Jaraguaense possuem formação e atuam na área das Ciências da Natureza.

Os relatos apontam como possível motivo para as professoras terem optado por curso na área das Ciências da Natureza, o fato da graduação ser gratuitos e disponibilizado pelo governo, devido a carência de professores/as com essa formação na região. Nesse contexto, os cursos na área das Humanas estavam na maioria nas instituições privadas da região, onde acesso era dificultado pela questão financeira das entrevistadas.

Sobre o preconceito racial, uma das entrevistadas negou ter sofrido ou mesmo a existência do preconceito de raça. Entretanto, durante o grupo focal, ela mesma percebeu que, em algumas situações, o preconceito existiu e se manifestou, embora não diretamente, mas de forma mais sutil.

A questão do gênero, singular no magistério por ser marcado pela presença feminina, não impede que as mulheres sofram por duplas ou triplas jornadas de trabalho e por baixa remuneração.

Por fim, espera-se que esse breve estudo permita maior visibilidade para a questão de gênero e raça na escola. Aponta-se para a possibilidade de muitas outras e mais aprofundadas pesquisas e discussões no tema, para que fomentem-se uma cultura de paz na e pela educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FERREIRA, Ricardo Franklin. **O brasileiro, o racismo silencioso e a emancipação do afro-descendente**. *Psicol. Soc.*, no.1, vol.14, jan./jun. 2002, p.69-86.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra. 1983. disponível em: <www.ibge.gov.br/.../pnad2001/coment2001.shtm>, acesso em 22/06/2015.
- GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de perto**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.
- HASENBALG, Carlos Alfredo. Discriminação e desigualdades raciais no Brasil. Tradução de Patrick Burglin. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- HEILBORN, M. L.; ARAÚJO, L.; BARRETO, A. (orgs). **Gestão de políticas públicas em gênero e raça/GPP-GeR: módulos 3 e 4**. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2010.
- MÜLLER, Maria Lúcia Rodrigues. **Pensamento social brasileiro e a construção do racismo**. Cuiabá: UAB/EdUFMT, 2010.
- RIBEIRO, Matilde. "Mulheres negras brasileiras, de Bertioga a Beijing". **Revista Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 446-57, 1995. Dossiê Mulheres Negras.
- SANT'ANA, Antônio Olímpio. **História e conceitos básicos sobre o racismo e seus derivados**. In: MUNANGA, Kabengele (org). Superando o racismo na escola.
- SANTOS, Tereza. **Trajetórias de professores universitários negros: a voz e a vida dos que trilharam**. Cuiabá: EdUFMT, 2007. (Coleção Educação e Relações Raciais, vol.2).
- SCOTT, Joan W. Preface a gender and politics of history. *Cadernos Pagu*, nº. 3, Campinas/SP 1994.
- _____. Ser negro no Brasil hoje. In: SANTOS, Milton. **O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania**. São Paulo: Publifolha, 2002, pp.157-161.